

A DESPERSONALIZAÇÃO DO CAPITAL E AS CONDIÇÕES CULTURAIS DA ADMINISTRAÇÃO

FERNANDO PEDRÃO*

Resumo

O modo de desenvolvimento do capitalismo avançado mudou com a prevalência dos interesses financeiros sobre os industriais e levou à despersonalização da gestão dos capitais. Nesse ambiente e com as compras de empresas muitos empresários se tornaram gerentes que são trabalhadores sujeitos a regras especiais de contrato mas expostos a demissão como qualquer operário. As empresas precisam de mecanismos de lealdade frente ao mercado de trabalho dominado pelo individualismo.


Palavras-chave: Capitalismo avançado; Despersonalização de gestão; Lealdade.

Abstract

The pattern of development in nowadays capitalism changed much since financial interests prevails over the industrial ones. That movement led to an unpersonal stile of management. Many capitalists reverted to the position of managers, exposed to the same rules of employment as common workers. The companies went to need rules of loyalty unlikely in the individualistic Market.

Key words: Nowadays capitalism; Unpersonal management; Loyalty.

I. Originalidade do capitalismo atual

 SISTEMA MUNDIAL do capitalismo mudou definitivamente quando os interesses financeiros se sobrepuseram aos das indústrias e quando a concentração de capital induziu as nações do bloco dominante a terem de considerar a expansão do mercado nas periferias da economia mundial. Essas mudanças deram um grande salto na década de 1960 quando aconteceram as revoluções dos transportes e das comunicações. A microeconomia neoclássica caducou antes de ser sacramentada como linguagem oficial da economia de mercado. Mais uma vez John Hicks se antecipou à crítica da falta de representatividade da economia marginalista

* Presidente do Instituto de Pesquisas Sociais (IPS). E-mail: <fernandopedrao@gmail.com>.

mostrando o simplismo do paradigma de demanda efetiva.¹ A análise econômica precisa reconhecer as condições concretas do mercado para poder determinar lucros e salários.

No mundo do capitalismo moderno, há uma tendência geral a uma objetividade impessoal nos negócios que corresponde ao anonimato do capital e à atitude defensiva de grandes empresas que precisam sobreviver em ambientes dominados por oligopólios e elevados graus de monopólio. Há uma concorrência crescente por contratos que se tornam relativamente mais escassos e quase sempre dependem dos governos. São necessárias variadas estratégias de negócios que implicam aproveitar sistematicamente as oportunidades de mercado e reduzir riscos e ociosidade de capital. A contradição orgânica de empresas autossuficientes que pretendem mandar no mercado e a realidade dos ciclos econômicos também já tinha sido mapeada por Joseph Schumpeter em seu *Business cycles*.

A eficiência intuitiva dos capitalistas pode dar resultados positivos esporádicos, mas não é suficiente em mercados em que os outros concorrentes utilizam procedimentos sistemáticos. Os novos sistemas digitalizados integrados de gestão, que oferecem visões instantâneas de sistemas de negócios tornaram obsoletas as teorias tradicionais de projetos e de análise por estabelecimentos produtivos.

A crise de perda de competitividade da economia norte-americana, que se revelou em 2008, mostrou como grandes empresas norte-americanas, aparentemente líderes, tinham perdido espaço para suas concorrentes asiáticas. A crise do sistema imobiliário foi apenas a fina camada de gelo sobre o problema e o refinanciamento dos bancos e de grandes empresas deixou a pequena classe média endividada e desempregada.²

Essa tendência será reconhecida de modo desigual por capitalistas individuais, muitos dos quais sobrevivem em espaços defasados e protegidos de mercado. Mas obviamente não estão imunes às tendências gerais que decorrem do comportamento dos principais participantes. Assim, no mundo do capitalismo há conflitos de valores que se materializam em contradições entre a defesa de interesses pessoais e a defesa institucional do capital. É o pressuposto tácito mas infundado que os gestores do capital abstraem seus interesses pessoais em favor daqueles da representação do

1 John Hicks, *La crisis de la economía keynesiana*, 1976.

2 Uma hipótese a considerar é que os democratas perderam as eleições, em 2008, e não perceberam que o tema em luta era o emprego dos norte-americanos menos qualificados do mesmo modo como foi na Itália, em 1926.

próprio capital porque ele envolve uma contradição derivada do próprio princípio de individualismo submerso no mundo do capital, que contamina a lógica do serviço à empresa. Algo terá que ser revisto quando estratégias de negócios chinesas operam em linha com estratégias nacionais de expansão.

Essa situação indica a conveniência de rever o papel dos gerentes. Os trabalhadores que estão na condição de gestores de capitais estão sujeitos às mesmas condições de incerteza que os demais trabalhadores e sua defesa das empresas é uma mercadoria como qualquer outra, que tem de ser negociada individualmente. A categoria de gerentes é de trabalhadores com regimes especiais de contrato que se identificam como defensores dos interesses do capital. Essa contradição se revela plenamente quando se trata de proteger empresas sem condições operacionais para permanecerem em atividade, mas que representam o emprego justificado pela preservação de empresas economicamente insustentáveis.

Essas contradições de valores se acentuam no capitalismo avançado de hoje, regido pela concentração dos capitais em geral. No conjunto, a concentração do capital e o aprofundamento da centralização do capital financeiro reduzem as condições de sobrevivência de muitas empresas pelo que aumentam as compras de empresas inclusive no contexto do grande capital. Destarte, muitos capitalistas tornam-se meros gerentes de interesses maiores. Mudam os requisitos de competência e os parâmetros de lealdade. Tecnicamente, todos executivos competentes estão no mercado de trabalho.

Há um pressuposto de qualificação para sobreviver no mundo da concorrência, que é inegável, mas que se tornou transitório pelo fato de que as qualificações correspondem a condições concretas de tecnologia, pelo que são passageiras e compreendem processos complexos de desqualificação. Todos trabalhadores qualificados para manterem sua condição de qualificados dependem de atualizações que não são as propostas por suas próprias empresas mas que são indicadas pelos movimentos do mercado.

A desvalorização dos trabalhadores é sempre um primeiro passo na desvalorização de capitais que ficaram tecnologicamente paralisados. A desvalorização de empresas é parte de um movimento geral de desvalorização cujo principal foco é a desvalorização do trabalho: menor vida útil profissional, salários incertos e decrescentes, etc., regras que atingem aos gerentes.

O mundo do grande capital tornou-se um mundo de oligopólios e de graus transitórios de monopólio, onde as grandes empresas lutam para

conseguir margens de monopólio irreversíveis³ ou pelo menos duráveis. E há certa lógica nessa disputa pelo fato de que há poucas substituições no clube dos controladores de tecnologia. As possibilidades de desenvolvimento de tecnologia alternativas ao grande capital são tão cândidas como pequenas empresas e grandes negócios.

Neste mundo do capitalismo avançado, desenvolveram-se mecanismos de gestão digitalizada⁴ e padrões financeiros de eficiência que tornaram mais clara a necessidade de decisões oportunas em tempo disponível, já que as oportunidades de investimento não são substituíveis. A gestão do capital torna-se inevitavelmente despersonalizada e o executivo típico passa a ser alguém cujo lazer está tão padronizado como o consumo.

Há um encurtamento dramático do tempo disponível, tornando-se clara a clivagem entre o grande capital e o capitalismo periférico⁵ incipiente no relativo a capacidade de uso do tempo. Ter o tempo a seu favor é regra essencial para chegar antes que os concorrentes. O primeiro desenvolve tecnologias e o segundo usa tecnologias dominadas que já começam a operar como superadas.

Grande capital significa capital que se reproduz e opera com os modos avançados de inteligência operacional. Pode estar em Wall Street, em Atlanta ou em Grenoble, hoje está em Xangai. Dificilmente estará no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Nessas, como nas demais grandes cidades secundárias do capitalismo, reproduzem-se formas de sobre exploração, em que o capital sobrevive por explorar mais, porém não por ser realmente competitivo. Consistente com suas origens, esse capitalismo secundário desenvolve formas e modos de burocracia, tanto para criar os empregos

3 Possivelmente, o caso mais patético é da Coca Cola e da Nestlé que empreendem campanha para controlar todas as fontes de água mineral do mundo. E se surpreendem com a reação que causam.

4 Os mecanismos de gestão digitalizada – SAP e outros – dão às lideranças de capital informações atualizadas ao minuto sobre as situações das empresas, tornando caducos os modos intuitivos e temperamentais de gestão. Esses sistemas são continuamente atualizados e obrigam os gestores, pomposamente autodenominados de CEO, a renderem contas da racionalidade de suas decisões. Com o aumento dos sistemas organizados de informações é evidente que as empresas “sabem” com que margens de risco operam e “sabem” de antemão quando incorrem em riscos crescentes. Ver a *Sociedade do risco* de Ulrich Beck: o fundamento do risco é a incerteza. A verdadeira regra do capital, que é o custo do dinheiro, é fator central de planejamento e jamais será uma surpresa. Transferir riscos pode ser uma estratégia fundamental para reduzir indiretamente o custo financeiro das operações, do mesmo modo como reduzir padrões de qualidade em obras públicas.

5 As teses de Raul Prebisch, nos 80's, para criar monopólios internacionais dos países periféricos para concorrer com o grande capital hoje parecem quase infantis não só pela perda de capacidade operacional para isso como pelo estranhamento ideológico dos governos.

necessários para controlar a classe média como para manter um aparato ideológico.⁶ A burocracia deixa de ser um cacoete tolerável de empresas eficientes para ser uma contradição necessária. Muitos dos grandes conglomerados terminam por desenvolver burocracias que se autovalorizam como úteis mas são apenas margens de ineficiência usadas como biombo para dissimular os objetivos centrais das empresas. Em economias periféricas, o custo social da burocracia torna-se exorbitante mas é absorvido pelas estratégias de corrupção.

Esse processo de descapacitação é o primeiro passo para explicar a necessidade de obter vantagens do Estado que se torna o fiador dos capitalistas instalados, que formam um bloco de poder associado ao sistema político. Na prática e tal como acontece no Brasil, o Poder Legislativo não é muito mais que a representação desse capitalismo secundário que tem um pé profundamente metido em formas de exploração primitiva.

Na história econômica recente dos países que alcançaram algum progresso em industrialização — mesmo em processos que foram interrompidos — a formação de um bloco de poder com epicentro na indústria foi um passo decisivo para criar a ideologia da indústria nacional, que, por sua vez, foi o modo de garantir uma aliança entre grandes comerciantes urbanos e grandes proprietários de terras para constituir a burguesia nacional, com seu componente de emprego público.⁷

A impregnação mútua entre o capitalismo secundário e o aparelho de governo inercial cria um novo conservadorismo em política que desenvolve um falso discurso tradicionalista como linha de defesa de seus interesses. Nos países periféricos como no Brasil, produzem-se tradições a varejo e apelos a modos irracionais, tais como igrejas sem teologia e clubes de futebol. As tradições são renovadas ou destruídas pela sociedade urbana que as reconstrói transformadas em objetos de consumo integrando mercados urbanos.

⁶ Essas estratégias são funcionais ao alargamento de um setor improdutivo na economia, anunciado por Paul Baran, principalmente nas economias dependentes avançadas como a brasileira, que compreende as empresas de comunicação, as de *marketing* em geral, os inúmeros assessores de governo, no legislativo, no judiciário e no executivo, que movimentam grandes massas de recursos em atividades que em nada contribuem para o processo produtivo. Em qualquer crítica de corrupção aparecem como pivô de sistemas de uso múltiplo. No que poderia ser uma visão schumpeteriana do processo do capital, todo esse pessoal poderia ser dispensado em favor de ganhos de eficiência.

⁷ É preciso recuperar o trabalho pioneiro de Nelson Werneck Sodré, com sua *História da burguesia brasileira*, que foi o primeiro a rastrear as contradições do projeto de indústria nacional.

É o modo de capturar a energia flutuante das classes populares antes que elas descubram seu poder de oposição. Ou é um mecanismo de substituição de referências ideológicas em que o esgotamento do modelo político sindical abriu espaço para formas seculares e leigas de religiões sem teologia.

O desencobrimento dos interesses velados do sistema revela outro problema, esse na esfera política, que consiste na perda de controle político das classes populares por parte classes medias, reduzindo o poder eleitoral destas, com a dificuldade para um correspondente pacto entre o grande capital e as classes médias.⁸ O sistema se torna vulnerável a novas formas de populismo com uma aliança do grande capital com os sistemas de informações e utilizando meios não tradicionais de controle das classes populares.⁹

O grande capital representa articulações flexíveis entre o sistema de financiamento e o sistema de produção industrial, em que os tempos do capital financeiro são mais rápidos que os do capital industrial, mas dependem da reprodução do capital industrial para sustentar seu valor. Inversamente, os requisitos de velocidade do capital financeiro influem sobre os movimentos de obsolescência dos equipamentos. Para o capital financeiro a produção rural é um departamento da produção industrial e os elencos de decisões raramente se preocupam com a escolha dos chamados executivos que são meros executantes de decisões burocratizadas tomadas a distância. Passaram a ser funcionários de uma burocracia privada que nada tem em comum com eficiência.

O grande capital precisa estar permanentemente na ofensiva para controlar as oportunidades de investimento. Não se confunde com grandes conglomerados que se reproduzem mediante estratégias defensivas, protegendo-se de ineficiência com corrupção. A noção de grande capital mudou desde quando Steindl¹⁰ escreveu sobre o tema. O campo ideológico do

⁸ Uma tese que ganha força na análise sociológica política do Brasil de hoje é a ascendência de formas políticas pré-industriais, principalmente religiosas, que ocupam o espaço deixado pelo esgotamento da política sindical, tornando-se instrumentais à aliança do grande capital, agora respaldado pelos capitais internacionais. Outro aspecto que não pode ser ignorado é o poder dos sistemas de tráfico de drogas que se tornam um fator de ocupação de desempregados crônicos, com um grande poder de corrupção das diversas camadas sociais.

⁹ No Brasil de hoje é inevitável considerar os efeitos da organização social da droga com seu poder de emprego de desempregados crônicos, de aliciamento das próprias forças de segurança e pela demanda de droga da sociedade desde as classes medias até as classes populares. Informações não publicadas de forças de segurança apontam à difusão do uso de cocaína nas classes populares não só nas cidades capitais.

¹⁰ Joseph Steindl, *Pequeno e grande capital*, São Paulo, Hucitec, 1986.

capital encontra dificuldades para equacionar a autofagia das empresas que não está contemplada em seus autores totêmicos, tais como Chandler e Porter.¹¹

As novas manifestações do grande capital aparecem claramente no acordo proposto pelos Estados Unidos aos seus aparentes sócios europeus, que levará necessariamente a sua subordinação aos interesses norte-americanos, seguindo o princípio smithiano de que o capital vai para onde o mercado se expande. O capital é impessoal e se reproduz de modo independente de quem sejam os gerentes de empresas.

Não há capitais protestantes, nem católicos nem islâmicos nem judaicos que não sejam capitais. A maioria opera com horizontes restritos de reprodução de capital em mercados inerciais permitidos pelos planos dos verdadeiros grandes capitais. As perdas e ganhos relativos de posição não param e exigem adequação das estratégias das empresas, que em princípio devem se deslocar para aproveitarem vantagens de demanda. Por isso, os fatores de rigidez das empresas devem ser objeto de exame objetivo atualizado.

O capitalismo avançado é a máxima expressão do humanismo negativo do capital em que há uma luta paretiana dos mais fortes para tomarem o lugar dos menos fortes, isto é, comprá-los ou liquidá-los.¹² A falta de solidariedade essencial do capital prevê a seleção natural dentre os capitalistas, como antecipou Sorel antes que Schumpeter. Como, entretanto, eles constituem um grupo numeroso de pessoas, geralmente ancoradas em relações de privilégio, defendem suas posições por meio de articulações institucionais, familiares e políticas. Em vez da visão da tecnoburocracia necessária de Weber, encontra-se uma burocracia que se reproduz como estamento e integra o setor improdutivo do sistema produtivo. Nos sistemas avançados que realizam informatização e robotização o essencial não é a redução de postos de trabalho de operários mas gerentes, publicitários marqueteiros, etc.

11 Esses autores e outros, que são weberianos inconfessos, veem os lados positivos do aperfeiçoamento de práticas do capital mas não registram que elas são subordinadas à verdadeira ética do capitalismo que não tem religião.

12 As contradições culturais no grande capital tornaram-se evidentes com a destituição da figura emblemática de Montezemolo da Ferrari em favor de um estilo “operário”. Oportuno ver os trabalhos de Jorge Beinstein, *Capitalismo senil* (2001) e de Elmar Altvater, *O fim do capitalismo como o conhecemos* (2010). Uma perspectiva de operário no mundo pós-industrial pode ser encontrada em Cesar Altamira, *Os marxismos do novo século* (2012).

2. O fator China e a Eurásia

A China não é apenas o maior sistema produtivo do mundo. Mais que isso, a China mudou o significado do comando do capital. O sistema de poder norte-americano, desde Carter e a Trilateral, contemplava uma penetração profunda no espaço eurasiático, subentendendo separação entre Rússia e China e excluindo o Irã. Esse pressuposto foi anulado pelo acordo de Xangai, de 1998, que, além de garantir primazia energética, deu oportunidade às repúblicas do mar Cáspio, que desde então ganharam *status* internacional.

Até 1992, a mídia europeia se referia ao Japão quando falava em perigo amarelo. Hoje o Japão é um dragão sem dentes. A ascensão da China alterou os padrões de eficiência prevaletentes no grande capital, por diversas razões, a principal das quais é o controle do sistema financeiro pelo Estado. A China entra no quadro do capitalismo avançado com um estilo próprio, um imenso mercado e o poder de grande comprador. Torna-se determinante do mercado de capital e do mercado de trabalho.

Alega-se, em geral, no Ocidente, que a China ou uma nova China surgiu, a partir de 1979, mediante um movimento de ocidentalização promovido por Deng Xiaoping. Uma leitura comparada dos princípios da revolução chinesa, estabelecidos em 1949, e de documentos oficiais, da década de 1970, indicam que, pelo contrário, a China seguiu caminhos próprios que valorizaram a combinação de tradição e progresso e que usou as colônias chinesas em diversos lugares do mundo para criar uma nova rede de comercialização. Com esses fundamentos a China alcançou resultados notáveis em energia, educação e física aplicada que lhe deram presença determinante na política internacional.¹³ Enquanto o bloco euro-norte-americano avançava em novos modos de industrialização, a China criava um sistema duplo que combinava a atualização do sistema de comercialização com uma renovação tecnológica planejada e um controle estatal do capital financeiro. Esta última parte é decisiva.

A China emerge, na década de 1990, como potência econômica capaz de gerar liquidez para comprar ativos importantes no Ocidente, comprar

¹³ A China construiu vinte e duas centrais nucleares, tem outras vinte e sete em andamento e reduziu o período médio de construção de sete para quatro anos. Construiu seis portos internacionais, dentre eles o maior do mundo em Xangai. Construiu e opera o maior radiotelescópio do mundo, inaugurado em 2016.

parte da dívida pública norte-americana e expandir interesses em todos demais continentes. Levou quinze anos crescendo a 11% ao ano e quando recua para 7,5% ao ano, que é três vezes mais que os EUA, preocupa aos países exportadores de capital. A questão é que o fator China passou a ser regulador do desenvolvimento de outros países e estabelece modo próprio de gestão do capital. Tornou-se um país tecnologicamente independente, que prova a possibilidade de independência tecnológica. A administração ocidental do capital não pode ignorar o modo de despersonalização da China que depende de uma noção específica de coletivo.¹⁴

3. O desvanecimento da força de trabalho qualificada

Algumas mudanças fundamentais no mundo do trabalho precisam ser registradas. A presunção de que os países centrais constituem um espaço ao qual todos os trabalhadores aspiram tem sido abruptamente negada. Europa ocidental e Estados Unidos fecham as portas a imigrantes. Os Estados Unidos fecham as portas à própria Europa quando americanos emigram para a Irlanda, para o Canadá, para a Austrália e para a Nova Zelândia. Os fluxos migratórios estão condicionados pela qualificação dos migrantes.

Qualificação é um modo de valorização dos trabalhadores que se reconhece como proprietários concretos da força de trabalho que é sua capacidade de realizar trabalhos socialmente significativos. Na perspectiva do capital, os trabalhos socialmente significativos são os que contribuem para o processo de acumulação de capital. Na perspectiva do capital, portanto, a qualificação dos trabalhadores depende de sua adequação à composição técnica do capital, pelo que é relativa e é transitória. Como mostrou Gaudemar (1977), há um mecanismo reverso nos processos de qualificação que afeta os perfis de qualificação e que torna os resultados finais de qualificação em instrumentos de ampliação da exarcação de valor dos trabalhadores.

Força de trabalho qualificada significa uma diferenciação entre trabalhadores, em que alguns absorvem mais conhecimento tecnológico que outros e em que a qualificação indica uma capacidade de operar capital.

¹⁴ Algumas referências são oportunas ao estilo chinês de administração, como em Jonathan Fenby, *History of modern China* (2008), Thomas Rawski, *Economic growth and employment in China* (1976), Francis Audrey, *China 25 anos 25 séculos* (1976).

No limite, força de trabalho qualificada é um adjetivo de trabalhadores que controlam sua própria adequação ao mercado, já que os capitais raramente se ocupam de qualificação efetiva. Tal adequação, em princípio, aumenta ou diminui segundo os trabalhadores têm acesso aos princípios científicos por trás dos movimentos de tecnologia. Não se trata somente de saber consertar uma máquina, mas de saber como ela funciona para alterar seu funcionamento.

Por isso, pode-se distinguir uma qualificação profunda e outra superficial, em que a primeira compreende uma capacidade de se autorrenovar e a segunda se esgota em cada nível de tecnologia. Em princípio, a qualificação significa a independência do trabalhador que se contrapõe aos mecanismos de alienação, tais como de se identificar com a empresa ou de reproduzir os princípios de dominação da empresa. Afinal, são trabalhadores que demitem trabalhadores.

Em princípio, qualificação é um apodo que apenas se aplica em condições de adequação estável entre trabalho e capital. É contraditório com situações em que o capital controla a qualificação e em que a maioria dos trabalhadores precisa pagar por sua própria qualificação. As demandas de qualificação são estabelecidas pelo capital, mas devem ser atendidas pelos trabalhadores. O fosso entre as demandas de qualificação do capital e a capacidade de atendimento por parte dos trabalhadores se aprofunda na medida em que a capacidade dos trabalhadores para pagarem por sua qualificação diminui com o desemprego.

4. O mecanismo dinástico de lealdade e preservação de riqueza

Nos desdobramentos da sociedade mundializada pelo grande capital surge, desde o início do novo século, um fator a considerar que é o estranhamento ideológico que impregna a profissionalização das classes médias, seguindo a internacionalização das elites. Em seu conjunto, sob a pressão da mídia como arauto da perspectiva da dominação consentida — a verdadeira hegemonia —, há um movimento geral de reconhecimento da primazia do mercado externo na determinação do emprego, cuja consequência é uma opção tácita pelo emprego no exterior e já não só no centro mundial, mas também em suas dependências em nações de subordinação integrada. O fenômeno recente de debandada de norte-americanos em busca de residência e emprego nessas dependências do centro corrobora esse estranhamento

ideológico.¹⁵ A decomposição da ideologia Wasp é um sinal de contradições no modelo imperial norte-americano que afeta suas possibilidades de manter sua hegemonia. Assim como a crise de 2008 evidenciou uma perda de competitividade da indústria que minava a relação entre aplicações de baixo e de alto risco, a reviravolta política põe a nu as diferenças essenciais entre o projeto de poder das elites e a pluralidade real do sistema de trabalho.

Há um problema de consistência interna das empresas das economias periféricas que têm muito a ver com ideologia. Nas empresas desse capitalismo incipiente prevalece a ideologia do imediatismo e do individualismo pela qual os trabalhadores qualificados supõem que o mercado dos países avançados é uma continuação de seu mercado nacional e pela qual eles estão essencialmente desnacionalizados e sempre em busca de ocupação nos países mais avançados. A presunção é que nos Estados Unidos ou até mesmo na Inglaterra ou em Portugal sempre será melhor que no Brasil.¹⁶ O fim do projeto de industrialização nacional ou de desenvolvimento nacional é um determinante desse individualismo que responde a um pessimismo alimentado pela política nacional e se concretiza na desnacionalização das classes médias. Cabe considerar que essa mesma percepção de esgotamento de modelo econômico passa para os Estados Unidos e a Inglaterra que descobrem que precisam reativar suas raízes nacionais, descartando ficções políticas tais como Reino Unido e império norte-americano.¹⁷

Nas condições essenciais de concorrência e em que todos os trabalhadores estão potencialmente no mercado de trabalho, os capitais representados por empresas não contam com solidariedade interna. Como todos trabalhadores, operários e gerentes, estão sujeitos a demissão, todos estão ativamente ou tacitamente no mercado de trabalho, dispostos a trocar de empresa do mesmo modo como as empresas estão dispostas a trocar de trabalhadores. As relações entre empresas e trabalhadores são essencialmente

15 A Nova Zelândia, Austrália e Canadá decidem interromper a aceitação de entrada de norte-americanos. Na primeira, passaram de modestos 5.000 por ano para 60.000, em poucos dias. Mesmo considerando que seja apenas uma explosão transitória, será em todo caso uma novidade que indica outro aspecto de quebra de solidariedade nacional. Uma política nacionalista precisa definir primeiro com quais padrões de nacionalidade se identifica.

16 O fim do sonho do mercado norte-americano tende a ter um poderoso efeito dissuasório na força de trabalho subutilizada brasileira, que deverá voltar a disputar espaço na economia brasileira caso não encontre alternativas europeias, tendencialmente pouco prováveis.

17 O fenômeno Trump fundamentado no irracionalismo das origens coloniais puritanas, pretendendo remover a separação entre igreja e Estado, coloca os Estados Unidos no contrapé da civilização do Iluminismo e do mundo da modernidade.

hostis como apontou Mészáros, explorando a tese de Marx, sobre o sociometabolismo do capital, e qualquer simulacro de harmonia social do gênero imaginado por Bastiat e von Mises é mera fantasia.

Como a ameaça do desemprego é crescente para a maioria dos trabalhadores,¹⁸ sua atitude perante as empresas muda de modo negativo e a principal estratégia dos trabalhadores em ambientes hostis de trabalho é defender renda e não emprego. Os interesses pessoais são dominantes. Diz o pensador Al Capone que todos seus colaboradores eram empresários cujos interesses pessoais tinham de ser respeitados. As empresas precisam de lealdade, algo contraditório com o individualismo do capitalismo e com a ideologia do imediatismo da burguesia que hoje perdeu a sustentação de seu fundamento nacional. Os fundamentos ideológicos da crise política devem ser encontrados na matriz econômica do capitalismo dependente que copia padrões de organização dos países líderes, mas está preso pelo sistema de relações pré-capitalistas.

Essa é uma explicação de por que tolerar executivos familiares ineficientes ou montar estruturas administrativas que contemplam o fator dependência mais que competência, ou tacitamente aceitar margens de ineficiência orgânica por manobras familiares.¹⁹ A ineficiência orgânica é parte de um movimento geral de ampliação do componente de trabalho improdutivo que é aceito pelo capital como parte de suas necessidades de controle social. Tanto as empresas como os governos dependentes estão dispostos a gastar mais em publicidade que em eficiência. A administração

18 As estratégias de desvalorização adotadas por grandes grupos empresariais em prestação de serviços, passou a ter como eixo a substituição de trabalhadores experientes por outros mais jovens com menores salários. Um dos casos emblemáticos nesse sentido é grupo empresarial Kroton, que atua na área de educação. Os aspectos contraditórios da qualificação tornam-se evidentes com o desemprego conspícuo de grupos qualificados que passam a ser considerados como relativamente caros ante uma composição de mercado contaminada por extenso e crescente exército de reserva. A sobre-exploração sistemática do professorado é o fundamento administrativo dos grupos norte-americanos como o Laureate, o De Vry. Padrões exigidos de lealdade dos docentes vão em completa contradição com a coisificação do ensino e dos agentes do ensino.

19 Os atuais exemplos dos grandes conglomerados brasileiros internacionalizados, especialmente Odebrecht, que se desenvolveram por meio de uma estrutura familiar reproduzida em seu sistema de empresas ilustram o modo de expansão e suas contradições. Uma empresa que começou como construtora de imóveis e chegou a construir submarino nuclear, deu notável salto qualitativo e entra em crise pelas contradições do sistema político. Trata-se da legitimidade da apropriação privada da coisa pública quando desaparecem os vínculos éticos que fundam o sistema. A profundidade da corrupção do sistema político é o epicentro de uma crise institucional que envolve o Poder Executivo. A corrupção se define como uma característica operacional do capitalismo periférico avançado que passa a ser vista pelas diversas classes sociais como uma oportunidade a ser aproveitada. Rouba o governador do Rio de Janeiro e roubam trabalhadores autônomos como e quando podem.

torna-se um pacto de mediocridade obediente adequado para operar em ambientes de oligopólio.

A lealdade tem de ser procurada em âmbitos menos suscetíveis aos encantos das trocas no mercado, mas enfrenta diferenças de interesses que podem, em princípio, ser atribuídas a diferenças de gerações. Nas grandes empresas brasileiras surgem conflitos de interesses que revelam contradições de visões de poder. A família é a instituição pré-industrial que pode resistir ao movimento de trocas entre empresas e realizar essa função. Não surpreende, portanto, que a sucessão familiar tenha se tornado uma regra nos blocos de poder na esfera pública e na privada nas economias periféricas dependentes como no Brasil.²⁰ Esses mecanismos colaterais de solidariedade revelaram-se essenciais na defesa de empresas comprometidas com práticas da corrupção em grande escala, porém, ao mesmo tempo, em contradição com os requisitos de objetividade da concorrência mundial.

Referências

- ALTVATER, Elmar. *O fim do capitalismo como o conhecemos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- AMADEO, Edward & ESTEVÃO, Marcelo. *A teoria econômica do desemprego*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- AUBREY, Francis. *China, 25 anos 25 séculos*. Lisboa: Moraes, 1974.
- BEINSTEIN, Jorge. *Capitalismo senil*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ESCOBAR, Pepe. *Império do caos*. Rio de Janeiro, Revan.2016.
- FENBY, Jonathan, *History of modern China*. Londres, Penguin, 2010.
- GALBRAITH, John Kenneth. *O novo Estado industrial*. São Paulo: Abril, 1982
- GAUDEMAR, Jean Paul de. *Movilidad del trabajo y acumulación de capital*. México: Era, 1977.
- GAREGNANI, P.; STEINDL, J.; LABINI, P. et al. *Progreso técnico e teoria econômica*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- GAUDEMAR, Jean Paul. *Movilidad del trabajo y acumulación de capital*. México: Era, 1977.

²⁰ Na última eleição, no Brasil, 52% dos deputados federais eram filhos de deputados, senadores ou governadores. O caso do grupo Sarney é compensado por novos grupos como os Maias, os Vieiras Limas e vários outros. O mecanismo dinástico aparece nas empresas em um mesmo círculo de repetições que no sistema político.

- GIDDENS, Anthony & BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- HICKS, John. *La crisis de la economía keynesiana*. Barcelona: Labor, 1976.
- KRUGMAN, Paul. *The age of diminishing expectations*. Cambridge: MIT Press, 1980.
- MONIZ BANDEIRA, Luís Alberto. *Relações perigosas: Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- MONIZ BANDEIRA, Luís Alberto. *A desordem mundial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- PEDRÃO, Fernando. *Contradictions of liberal imperialism over education and development*. Congress on Education and Development. Athens, 2017.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- RAWSKI, Thomas. *Economic growth and employment in China*. Washington: World Bank, 1976.
- SCHUMPETER, Joseph. *Business cycles*. Princeton: Princeton Press, 1976.
- STEINDL, Joseph. *Pequeno e grande capital*. São Paulo: Hucitec, 1986.